



Anais do II Encontro Internacional Tecnologia, Comunicação e Ciência Cognitiva

Apoio:



Volume 2, Número 1, Ano 2016

ISSN: 2358-4513

Os intermediários do fluxo jornalístico na internet¹

Valéria Vargas²

RESUMO

O presente artigo busca fazer uma reflexão a partir de um levantamento bibliográfico a respeito das inovações tecnológicas que invadiram as redações jornalística e a expectativa do fim do intermediário entre fato e notícia, um papel que foi desempenhando por muito tempo pelos profissionais da imprensa - editores e jornalistas. Apesar da rede mundial de computadores e a digitalização do conteúdo oferecerem liberdade de publicação a presença dos atravessadores não desapareceu, mas abriu a possibilidade para outro tipo de intermediário com poder muito mais escamoteado.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo; intermediário; imprensa; tecnologia

Intermediate journalistic flow on the Internet

ABSTRACT

This article seeks to reflect from a bibliographic survey about the technological innovations that have invaded the newspaper newsrooms and the expectation of the end of the intermediate between fact and news, a role he was playing for a long time by media professionals - publishers and journalists. Despite the worldwide web and scanning the content offer freedom of publication the presence of middlemen has not disappeared, but opened the possibility for other intermediate much more concealed power.

KEYWORDS

journalism; intermediary; press; technology

Los intermedios de lo flujo periodística en Internet

RESUMEN

Este artículo pretende reflejar de una revisión de la literatura acerca de las innovaciones tecnológicas que han invadido los ensayos periodísticos y la expectativa del fin del intermedio entre la realidad y las noticias, un papel que estaba jugando por mucho tiempo por los profesionales de los medios de comunicación - y editores periodistas. A pesar de la web en todo el mundo y la exploración de la oferta de contenidos libertad de publicación de la presencia de intermediarios no ha desaparecido, sino que abrió la posibilidad de que otro tipo de intermediario con el poder mucho más oculto

PALABRAS CLAVE

Periodismo; intermediario; prensa; tecnología

1 Os intermediários do jornalismo pré-internet

¹ Trabalho apresentado no **GT 5 : Comunicação, Sistemas Complexos e Interdisciplinaridade** evento componente do II Encontro Tecnologia, Comunicação e Ciência Cognitiva.

² Mestre em Comunicação Social pela UMESP (dissertação apresentada em julho/2015- pesquisa desenvolvida com bolsa CNPq), e-mail: v.vargas@uol.com.br



Anais do II Encontro Internacional Tecnologia, Comunicação e Ciência Cognitiva

Apoio:  FAPESP



Volume 2, Número 1, Ano 2016
ISSN: 2358-4513

Por mais de cem anos, desde o final do século XIX até o final do século XX, a informação jornalística foi transmitida e compartilhada por veículos de comunicação que utilizaram a tecnologia da rede centralizada e o formato analógico para armazenamento e estruturação da informação.

A transmissão por meio da rede centralizada é “geralmente considerada como predominantemente de sentido único, com a resposta da audiência relativamente restrita e lenta”. (STRAUBHAAR e LAROSE, 2004, p. 10). Nesta arquitetura, emissor e receptor ficam divididos em duas pontas distintas: de um lado o emissor, com um aparelho dotado de antenas transmissoras, capaz de *enviar* informação e do outro lado, o receptor, com um aparelho dotado de antenas e capacidade de *receber* esta informação.

Já o armazenamento de notícias em suportes materiais, como o jornal, revista, é limitado. Ou seja, o volume de notícias de um jornal depende do número de páginas a serem impressas, a quantidade de notícias de um telejornal ou radiojornal corresponde ao tempo definido pela grade de programação. Tanto no jornal como no rádio e na TV, o espaço para notícias é uma determinação subordinada a setores externos da redação cujos interesses nem sempre são o jornalismo. O limite de espaço obriga uma seleção dos acontecimentos e fatos³ que podem ser mediatizados. O responsável pela seleção de quais assuntos merecem o status de notícia, ou seja, será amplamente divulgado pela mídia, recebeu o nome de *gatekeeper* (porteiro) pelo psicólogo Kurt Lewin, num artigo publicado em 1947. O jornalista, cuja uma das funções está na seleção do material que será divulgado, se estabelece como um intermediário poderoso, passa a ser, portanto, os olhos e os ouvidos da sociedade, afinal, o que não sai na mídia deixa de ser de conhecimento do grande público. Esse é um dos motivos que faz Alsina (2009) caracterizar a imprensa como a responsável pela construção da realidade:

Poderíamos diferenciar o acontecimento da notícia dizendo que o acontecimento é uma mensagem recebida enquanto que a notícia é uma mensagem emitida. Ou seja, o acontecimento é um fenômeno de percepção do sistema, enquanto que a notícia é um fenômeno de geração do sistema. (ALSINA, 2009, p.133).

Traquina (2012) destaca ainda uma forma de poder ligada exclusivamente aos profissionais de imprensa: a relação do jornalista com a fonte. A fonte pode ser um diretor,

³ Embora haja uma grande discussão teórica na conceituação de fato e acontecimento, consideramos desinteressante entrar nesta polêmica tendo em vista o foco deste estudo. Trataremos aqui fato e acontecimento como sinônimos de uma ação ocorrida, um feito, um episódio, um evento.



Anais do II Encontro Internacional Tecnologia, Comunicação e Ciência Cognitiva

Apoio:



Volume 2, Número 1, Ano 2016

ISSN: 2358-4513

funcionário, relações públicas, ou assessor de imprensa de uma instituição, políticos, cidadãos e membros da sociedade organizada. Também para Gillmor (2005) até o final do século XX, os donos das notícias foram profissionais da mídia:

Um domínio quase exclusivo dos jornalistas, das pessoas de quem eles falavam e das legiões de especialistas de relações públicas e de marketing que manipulavam toda a gente. (...) Os grandes meios de comunicação encaravam a notícia como uma palestra. Nós – *os jornalistas, editores, donos dos veículos* – é que dizíamos como as coisas se tinham passado. O cidadão comprava ou não comprava. (GILLMOR, 2005, p 15 – grifo nosso).

Vale aqui fazer uma consideração na qual não iremos nos alongar. Apesar dos jornalistas dominarem a relação com as fontes, serem os responsáveis pela seleção de notícias, hierarquicamente estão limitados pelos interesses da empresa que depende de venda de anúncios publicitários para se manter. Rossi (2000), faz uma definição do que é jornalismo a partir de um olhar do profissional de imprensa. “Jornalismo, independente de qualquer definição, é uma fascinante batalha pela conquista de coração e mentes e seus alvos: leitores, telespectadores ou ouvintes. (ROSSI, [1980] 2000, p.7)

Squirra (2013, p.12) lembra que, por muito tempo, proprietários dos veículos de comunicação, jornalistas e editores se sentiram como “semideuses” da verdade, pois eram os únicos responsáveis “pela seleção, formatação e difusão dos atos, conceitos, juízos e processos a partir de relatos recortados e pré-moldados com os quais definiam o que seria difundido como a verdade”. (SQUIRRA, 2013, p.12).

Vaz (2001) ressalta que a relação de poder desigual e desequilibrada que se estabelece entre os meios de comunicação e seus receptores pode ser provocada também por limites impostos pela tecnologia utilizada na transmissão de notícias antes da internet. Afinal, transmitir uma mensagem “depende sempre de canais fixos e fechados de distribuição de mensagem. Quase ninguém pode emitir mensagens e há pouca diversidade no que deve ser pensado e valorado.” (VAZ, 2001, p.48).

A partir do final do século XX, novas tecnologias alteram essa relação centenária, e sacodem as redações. A rede distribuída de comunicação rompe a divisão fixa de emissores e receptores oferecendo liberdade para que receptores se transformem também em emissores. A digitalização do conteúdo que dispensa suportes materiais e o



Anais do II Encontro Internacional Tecnologia, Comunicação e Ciência Cognitiva

Apoio:



Volume 2, Número 1, Ano 2016
ISSN: 2358-4513

barateamento dos computadores pessoais ofereceram, pelo menos tecnicamente, a liberdade de publicação.

As inúmeras ferramentas, máquinas com capacidade de transmissão e recepção de dados, que foram colocadas à disposição das duas pontas do processo comunicacional (emissores e receptores), alteraram a produção, o consumo, o armazenamento e a captação de notícias. Surgiram os *blogs*, jornais colaborativos e feitos por amadores, notícias compartilhadas nas redes sociais. Todos os fatos e acontecimentos, desde alterações na bolsa de valores, problemas de uma pequena comunidade, até acontecimentos de abrangência individual como festas de casamentos, pratos da refeição do dia, etc, podem ser publicados, mediatizados, compartilhados publicamente. Segundo Squirra (2013, p.11) a presença da tecnologia brindou a todos com uma alteração no antigo processo de difusão do conteúdo noticioso:

A tecnologia possibilitou que segmentos sociais determinassem que seriam eles que definiriam o que consumir, em qual momento, em que local indicando a forma individual de mergulhar nas informações. E isso se configura como radicalmente diferente do que se praticava, sendo mesmo um fato altamente transformador, pois permitiu romper o modelo – linear e unidirecional – até então vigente, no qual iluminados jornalistas e editores por meio dos relatos selecionados e editados (e, obviamente falando em nome dos proprietários das casas editoras e de seus prepostos), praticamente determinavam quais seriam os padrões comportamentais (políticos, econômicos, históricos, etc) que os integrantes da coletividade deveriam receber para se orientar, acreditar e reproduzir. (SQUIRRA, 2013, p.11-12).

A tecnologia da *web*, com a rede distribuída, como aponta Primo & Trässel (2006) desarranja o modelo transmissionista da comunicação que sempre pareceu ser natural (emissor – mensagem – canal – receptor). “O fluxo jornalista – notícia – jornal – leitor, por exemplo, renova-se em jornalista – notícia – site – usuário”. (PRIMO & TRÄSSEL, 2006, p 38).

Para Gillmor (2005) o surgimento de uma rede distribuída “amigável”, ou seja, de fácil manipulação, “levaram a experiências que nos conduziram àquilo que hoje designamos jornalismo pessoal”. (GILLMOR, 2005, p. 31). Chaparro, (2013) comenta que atualmente há um “mundo de sujeitos falantes” que usam o jornalismo:

Fala-se, portanto, de um jornalismo que, no plano narrativo do relato, pouco ou nada tem a ver com o jornalismo dos pressupostos tradicionais, o das redações “donas” da Notícia,



Anais do II Encontro Internacional Tecnologia, Comunicação e Ciência Cognitiva

Apoio:  FAPESP



Volume 2, Número 1, Ano 2016
ISSN: 2358-4513

sobre a qual exerciam, entre outros, o poder de decidir o que, quando e como noticiar. (CHAPARRO, 2013, p.5).

2 Novos intermediários

A entrada das tecnologias de comunicação e informação (TIC) na produção jornalística – da internet, da digitalização – inseriu nas redações um arsenal tecnológico totalmente distinto do que foi utilizado durante anos pelos profissionais de imprensa. Neste ambiente, a linguagem escrita, velha conhecida dos jornalistas é acompanhada da linguagem lógica dos *softwares*, na qual engenheiros da informação possuem mais intimidade. Para Amadeu (2012, p.117) o *software* se torna o novo intermediário da comunicação:

Os programas ou *softwares* estão presentes em todas as formas de comunicação digital, sendo os principais intermediários da comunicação realizada por máquinas de processamento de informação. A comunicação em rede praticamente transformou o *software* em mídia. (AMADEU, 2012, p.117).

Manovich (2013) acredita que a interação homem máquina e a linguagem do software que conduz esse diálogo, assim como qualquer linguagem, contribui para configurar padrões e valores de acordo com a maneira como foram desenhados

A maneira que o computador modela o mundo, representa os dados e nos permite trabalhar; as operações fundamentais que há por trás de todo programa informático (como buscar, concordar, classificar e filtrar); e as convenções de sua interface – em resumo, o que pode chamar-se de ontologia, epistemologia e pragmática do computador – influem na capa cultural dos novos meios e em sua organização, em seus gêneros emergentes e seus conteúdos. (MANOVICH, 2013, p.93)⁴.

No *Photoshop*, exemplifica o autor, as correções das imagens com novos contrastes, coloração, podem interferir nos padrões estéticos da sociedade. “Quer dizer, é de se esperar que a capa informática afete a capa cultural”. (MANOVICH, 2013, p.78). O olhar da sociedade passa, então, a ser definido em uma interrelação com a máquina com conceitos trazidos pelo *software*.

Esta interferência do software, entretanto, muitas vezes passa despercebida porque a linguagem do software nem sempre está explícita está inserida em mensagens, nos

⁴ Tradução nossa do original: És decir, cabe esperar que la capa informática afecte a la capa cultural. Las maneras en que el ordenador modela el mundo, representa los datos y nos permite trabajar ;las operaciones fundamentales que hay por tras todo programa informático (como buscar, concordar, classificar y filtrar); y las convenciones de su interfaz – en resumen, lo que puede llamarse la ontologia, epistemologia y pragmática del ordenador – influyen em la capa cultural de los nuevos medios, en su organización, en sus géneros emergentes y em sus contenidos.



Anais do II Encontro Internacional Tecnologia, Comunicação e Ciência Cognitiva

Apoio:  FAPESP



Volume 2, Número 1, Ano 2016
ISSN: 2358-4513

aparelhos e equipamentos. Por isso Kerckhove (2009, p.38) considera que a nova relação que estabelecemos com a máquina - na qual a comunicação social por meio da *web* está inserida - deixa dúvidas se o que foi obtido é resultado do que queríamos ou do que a máquina nos apresenta:

A interface tornou-se o lugar principal de processamento de informação. É precisamente aí que a fronteira entre interior e exterior começou a perder nitidez. A questão importante que persegue os psicólogos cognitivos é se, ao usarmos o computador somos mestres ou escravos. (KERCKHOVE, 2009, p. 38).

Manovich (2013, p.78) lembra como os “programas de processamento de texto, paginação, apresentação e criação da *web* incorporam ‘agentes’ que podem gerar automaticamente o esquema de um documento”, (MANOVICH, 2013, p.78)⁵ eliminando a intencionalidade humana e assumindo a determinação estabelecida pela máquina.

Lanier (2012, p.22) observa que a medida que os programas computacionais crescem em complexidade e tamanho, ocorre uma limitação do humano diante da máquina. Segundo observa o autor, muitas vezes, os usuários vivem em um “aprisionamento tecnológico” seguindo padrões de comportamento, interatividade, usabilidade e lógica criados por *designers* de computadores. Esses padrões podem alterar o comportamento do indivíduo, da sua fala, do seu modo de ver, de se inter-relacionar, de se comunicar. Lanier (2012) avalia que esse padrão - definido pela máquina e não pelo humano - embora mais simples que o humano, pode engessar a criatividade, uma das mais nobres características do homo sapiens:

O processo do aprisionamento tecnológico é como uma onda alterando aos poucos o livro de regras da vida, eliminando as ambiguidades de pensamentos flexíveis à medida que cada vez mais estruturas de pensamento são engessadas em uma realidade permanente. (LANIER, 2012, p.25).

Um exemplo do engessamento do humano diante do software está nos perfis dos *sites* de mídia social como o *Facebook*; “ou você faz parte de um casal ou é solteiro (ou é classificado em um dos poucos outros estados de ser predeterminado”. (LANIER, 2012, p.100). A identidade das pessoas é definida, portanto, a partir de uma visão estreita e

⁵ Tradução nossa: Los programas de proceso de textos, compaginación, presentación, y creación web incorporan “agentes” que pueden generar automaticamente el esquema de un documento.



Anais do II Encontro Internacional Tecnologia, Comunicação e Ciência Cognitiva

Apoio:



Volume 2, Número 1, Ano 2016

ISSN: 2358-4513

maniqueísta: é bom ou ruim, é isto ou aquilo; gosta ou não gosta; tem ou não tem; é zero ou é um. Essa lógica do computador pode ser incorporada pelo humano e se tornar um padrão social, acredita Lanier (2012). “O que é transmitido às pessoas, mais cedo ou mais tarde, passa a ser verdade”. (LANIER, 2012, p.100).

Por isso, Vaz (2001, p.46) afirma que a internet “coloca em crise um tipo de mediador, mas que necessariamente abre a possibilidade para outro”. (VAZ, 2001, p.46).

Na internet, a produção de conteúdo jornalístico assume um fator de complexidade diferente do verificado na mídia tradicional do século XX. Durante mais de cem anos o intermediário entre o fato e a notícia, por exemplo, foi estabelecido, na maioria das vezes, pelo ser humano. Mas se considerarmos o *software* como mediador teremos uma máquina automatizada fazendo a função que antes era de exclusividade do ser humano. Com a internet o intermediário entre o fato e a notícia transmitida ao receptor não é mais o especialista em comunicação social mas sim o técnico que conhece a linguagem lógica dos códigos e protocolos. Ou seja “o profissional responsável por desenhar, arquitetar e mensurar informações de forma seletiva para que elas se tornem compreensíveis para os usuários é o arquiteto da informação”. (SILVA, NETO PINHO; DIAS, 2013, p. 286).

Enquanto os jornalistas dominaram a técnica de produção de notícias, os programadores dominam a linguagem do *software*. Lima (2013) divide os profissionais e atores da rede a partir de suas apropriações tecnológicas: “Por um lado os programadores se especializaram em ferramentas para Internet/Web e os jornalistas passaram a serem utilizadores de sistemas modulares de inserção de conteúdo”. (LIMA, 2013, p. 3).

Estabelecendo uma relação entre o trabalho “técnico” do jornalista e o trabalho “técnico” do arquiteto da informação é possível observar uma deontologia comum. Tanto o jornalista, como os *designers* que montam projetos para que se estabeleça a interação homem – máquina, buscam a imparcialidade, o menor envolvimento político e emocional possível, ou seja, convivem com o que é chamado de “mito” da objetividade. Mas, para Almeida (2009) qualquer intermediário entre uma coisa e outra - neste caso entre a máquina e o humano- por mais ético que seja, provoca interferência:

Em oposição ao pensamento hegemônico que sustenta a imparcialidade e a neutralidade do profissional da informação no exercício de seu trabalho, defendemos a existência da interferência. É ela constante e indissociada do fazer do profissional da informação. A imparcialidade e a neutralidade, embora procuradas, não se concretizam, pois o



Anais do II Encontro Internacional Tecnologia, Comunicação e Ciência Cognitiva

Apoio:  FAPESP



Volume 2, Número 1, Ano 2016
ISSN: 2358-4513

profissional da informação atua como matéria-prima que, por si, não é neutra. A informação é carregada e está envolta em concepções e significados que extrapolam o aparente. A informação está imersa em ideologias e em nenhuma hipótese se apresenta desnuda de interesses, sejam econômicos, políticos, culturais, etc. (ALMEIDA, 2009, p. 93).

Em qualquer estruturação de um programa de computador, entretanto, é preciso escolher um caminho e renunciar a outro. Manovich (2008) alerta:

Da mesma maneira, que um designer e um usuário dos novos meios se cercam do computador através de uma série de filtros culturais (...) a interface entre homem e computador modela o mundo de distintas maneiras e também impõe sua própria lógica dos dados digitais. As formas culturais atuais como a palavra impressa e o cinema transportam suas próprias e potentes convenções na hora de organizar a informação. (MANOVICH, 2008, p.169)⁶.

Winner (2010) lembra que toda escolha tecnológica, e neste sentido inserimos os softwares, está envolvida na promoção de alguns padrões sociais e políticos. Assim a definição de um desenho lógico pelo arquiteto da informação nunca é neutra e afeta “quem seremos e quem nos tornaremos quando esses dispositivos e sistemas estiverem instalados para uso comum”. (WINNER, 2010, p.39). Um dos sistemas que atualmente interferem no consumo de informação da rede são os sistemas de busca e recomendação, como o Google, Yahoo!, Bing, etc.

Lima (2011) em relação ao jornalismo, destaca que os sistemas de busca e recomendação transferem para a máquina o trabalho que antes era feito pelo jornalista. É a máquina que evidencia o que é relevante, interessante e o que deve ser da credibilidade para o usuário.

RS continua progressivamente a desgastar o monopólio das organizações de mídia e uma das principais funções do jornalista como construtor da realidade. É um sistema baseado em algoritmo que envolve através da maior “transparência”. Os usuários encontram dificuldade de diferenciar entre informação produzida e editada por um ser humano e aquela tratada pela relevância (*da máquina-grifo nosso*). Somente usuários envolvidos no manuseio de programação e sistema distinguiam isso. (LIMA, 2011, p.7)⁷.

⁶ Tradução nossa do original: De la misma manera, un diseñador o un usuario de los nuevos medios se acerca al ordenador a través de una serie de filtros culturales (...) la interfaz entre hombre y el ordenador modela el mundo de distintas maneras y también impone su propia lógica a los datos digitales. Las formas culturales actuales, como la palabra impresa o el cine, collevan su propias y potentes convenciones a la hora de organizar la información.

⁷ Tradução nossa do original: RS continues to progressively erode the monopoly of media organizations and one of the principal roles of journalists: “constructing reality”. This na ecosystem based on algorithms and that evolves through greater “transparency”. Users find it difficult to differentiate between



Anais do II Encontro Internacional Tecnologia, Comunicação e Ciência Cognitiva

Apoio:



Volume 2, Número 1, Ano 2016

ISSN: 2358-4513

Cada software criado para filtrar conteúdo informativo da internet possui uma filosofia e uma variedade de métodos lógicos para combinar os dados - unindo a classificação individual com coletiva, oferecendo caminhos e verificando se foram aceitos (*feedback*) combinando colaboração e buscas. Não caberia aqui explicar todas as maneiras de trabalhar destes sistemas e nem descrever suas estruturas, mas é importante destacar que “o elemento central de todo sistema de recomendação é o modelo do usuário”. (KUMAR e THAMBIDURAI, 2010, p.31)⁸.

Embora a recomendação automatizada seja estabelecida a partir do comportamento do usuário, Vaz (2001) pondera que diante do excesso de dados disponíveis não há certeza se o que foi localizado é o melhor. "Provavelmente as informações encontradas não são as perfeitas nem esgotam o que poderia interessar ao indivíduo, mas são mais e melhores do que aquelas que ele, por si só, acessaria". (VAZ, 2001, p.54).

3 Considerações finais

As inovações tecnológicas que construíram novos formatos e produtos jornalísticos eliminaram os intermediários entre fato e notícia. Qualquer fato pode ser publicado, mediatizado, tornado público. Todos, com um acesso à web e um computador pode produzir um webjornal, um programa de rádio, ter um canal de televisão. Essa liberdade de voz, entretanto, não transformou o espaço virtual em um espaço público livre, sem atravessadores. Houve uma transferência de poder; antes nas mãos dos jornalistas e agora com os arquitetos da informação, designers e agentes com capacidade técnica para entender e manipular a linguagem dos *software*.

Mas, diferente do que figurou na imprensa dos séculos XIX e XX quando o poder do jornalista como “construtor da realidade”(Alsina) foi explícito, o poder dos programadores que desenham a estrutura dos dados e a linguagem a ser utilizada não são facilmente identificados, o que talvez nos transporta para um novo desafio: o fim do analfabetismo dessa linguagem informática e a programação aberta para que o usuário possa definir como será a sua trajetória interativa.

Information produced and edited by human beings, and those “treated” by relevance systems. Only users involved in programming and systems manage to distinguish between them.

⁸ Tradução nossa do original: “The central element of all recommender system is the user model”.



Anais do II Encontro Internacional Tecnologia, Comunicação e Ciência Cognitiva

Apoio:  FAPESP



Volume 2, Número 1, Ano 2016
ISSN: 2358-4513

Referências bibliográficas

ALMEIDA, O. F. J. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Pesq. bras. Ci. Inf.**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 89-103, jan-dez 2009.

ALSINA, M. R. **A construção da notícia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

AMADEU, S. Poder e anonimato na sociedade de controle. In: AMADEU, S. & J. F. (. **Tensões em rede**: os limites e possibilidades da cidadania da internet. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2012. p. 109-123.

CHAPARRO, M. Fonte, sujeito jornalístico nos novos cenários da notícia. Disponível em: <<http://www.oxisdaquestao.com.br/admin/arquivos/artigos/FONTE-SUJEITO-JORNAL%20C3%8DSTICO-nos-novos-cenarios-da-Notucua164244.pdf>>. Acesso em: 30 maio 2015. texto disponível no blog do autor que aprofunda as ideias proferidas pelo autor na aula-palestra em homenagem recebida no Intercom 2013 em Manaus.

GILMOR, D. **Nós, os media**. Lisboa: Editorial Presença, 2005.

KERCKHOVE, D. **A pela da cultura**. São Paulo: Annablume, 2009.

KUMAR, A. E. T. P. Collaborative web recommendation systems - a survey approach. **Global journal of computer science and tecnologia**, 2010, v. 9, n. 5, p. 30-37. Disponível em: <<http://computerresearch.org/index.php/computer/article/view/867>>. Acesso em: 16 maio 2015.

LANIER, J. **Bem vindo ao futuro**: uma visão humanista sobre o avanço da tecnologia. São Paulo: Saraiva, 2012.

LIMA, W. T. J. Recommendation systems that establish new forms of representational reality: eliminating the dividing line between information emitter and receptor of journalistic information. **The International Journal of Interdisciplinary Social Sciences**, v. 06, 2011. Disponível em: <https://www.academia.edu/2288877/Recommendation_Systemst_hat_Establish_New_Forms_of_Representational_Reality>. Acesso em: 14 abr. 2014.

LIMA, W. T. J. Níveis de apropriação tecnológica e profissionais do jornalismo. **11o Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo - III Encontro de jovens pesquisadores em jornalismo - I Simpósio das redes de pesquisa em jornalismo**, Brasília, novembro 2013. texto reduzido e adaptado do artigo "O surgimento da nova camada complexa da web e a sua apropriação doméstica das tecnologias digitais conectadas".

MANOVICH, L. **Software takes command**. [S.l.]: [s.n.], 2008. Disponível em: <http://softwarestudies.com/softbook/manovich_softbook_11_20_2008.pdf>. Acesso em: 06 nov. 2014.



Anais do II Encontro Internacional Tecnologia, Comunicação e Ciência Cognitiva

Apoio:  FAPESP



Volume 2, Número 1, Ano 2016
ISSN: 2358-4513

MANOVICH, L. **El lenguaje de los nuevos medios de comunicación: la imagen en la era digital.** Barcelona: Paidós Comunicación 163, 2013.

PRIMO, A. & T. M. Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias. **Contracampo (UFF)**, v. 14, p. 37-56, 2006. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/webjornal.pdf>>. Acesso em: 08 nov. 2014.

ROSSI, C. **O que é jornalismo.** 10a, Coleção Primeiros Passos. ed. São Paulo: Brasiliense, 2000.

SILVA TEIXEIRA, M. A.; PINHO, J. A. S. N.; DIAS, G. A. Arquitetura da informação para quem e para quê?: uma reflexão a partir da prática em ambientes informacionais digitais. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, v. 18, n. 37, p. 283-302, maio/ago 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2013v18n37p283>>. Acesso em: 19 maio 2015.

SQUIRRA, S. Jornalismo com convergências midiáticas nativas e tecnológicas incessantes. In: FERREIRA JUNIOR, J. & S. M. C. **Comunicação, tecnologia e inovação: estudos disciplinares de um campo em expansão.** Porto Alegre,RS: Buqui, 2013. p. 9-24.

STRAUBHAAR, J. E. L. R. **Comunicação mídia e tecnologia.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são.** 3a rev. ed. Florianópolis: Insular, v. 1, 2012.

VAZ, P. Mediação e tecnologia. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 16, p. 45-59, dez 2001. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/download/3137/2408>>. Acesso em: 19 maio 2015.

WINNER, L. Sujeitos e cidadãos no mundo digital. In: AMADEU, S. **Cidadania e redes digitais.** São Paulo: Comitê gestor da internet no Brasil, 2010. p. 38-61. Disponível em: <http://www.cidadaniaeredesdigitais.com.br/_files/livro.pdf>. Acesso em: 20 maio 2014.